

# 06-09-2012 - Pronunciamento da Presidenta da República, Dilma Rousseff, por ocasião do Sete de Setembro

**06 de setembro de 2012**

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Com especial alegria, escolhi esta véspera do 7 de Setembro para dar uma excelente notícia a todos vocês. Estou aqui esta noite para dizer que o Brasil, depois de conseguir retirar 40 milhões de brasileiros da pobreza e se transformar na sexta maior economia do mundo, prepara-se para dar um novo salto – e para crescer mais e melhor.

Não se surpreendam que esta nova arrancada se dê no mesmo momento em que o mundo se debate em um mar de incertezas. Isso não ocorre por acaso.

Ao contrário de outros países, o Brasil criou, nos últimos anos, um modelo de desenvolvimento inédito, baseado no crescimento com estabilidade, no equilíbrio fiscal e na distribuição de renda.

Este modelo produziu efeitos tão poderosos na economia – e na vida das pessoas – que nem mesmo a maior crise financeira da história conseguiu nos abalar fortemente.

Como a maioria dos países, tivemos uma redução temporária no índice de crescimento. Mas já temos as condições objetivas, agora, para iniciar este novo e decisivo salto, cujos primeiros efeitos já serão percebidos no próximo ano e que vão se ampliar fortemente nos anos seguintes.

Uma coincidência me deixa feliz: ser justamente em setembro, mês da primavera e da Independência, o momento em que estamos a plantar as novas bases desse ciclo de desenvolvimento. Porque ele vai alargar bastante o caminho de afirmação e independência que nosso país vem construindo, com muita garra, nos últimos dez anos.

Minhas amigas e meus amigos,

O nosso bem-sucedido modelo de desenvolvimento tem se apoiado em três palavrinhas mágicas: estabilidade, crescimento e inclusão.

Com elas, o Brasil tem conseguido crescer e, ao mesmo tempo, distribuir renda. Tem conseguido, como poucos países no mundo, reduzir a desigualdade entre as pessoas e entre as regiões.

Para tornar nosso modelo mais vigoroso e abrir este novo ciclo de desenvolvimento, vamos, a partir de agora, incorporar uma nova palavra a este tripé. A palavra é competitividade.

Na verdade, é mais que uma nova palavra: é um novo conceito, uma nova atitude. Uma forma simples de definir competitividade é dizer que ela significa baixar custos de produção e baixar preços de produtos para gerar emprego e gerar renda.

Mas para chegar aí é preciso melhorar a infraestrutura, avançar na produção de tecnologia e aprimorar os vários níveis de educação, saber e conhecimento.

Portanto, para ser competitivo, um país precisa de tudo isso.

É deste conjunto de atributos que o Brasil necessita para aperfeiçoar e consolidar nosso modelo de desenvolvimento.

Por isso, estamos lançando um conjunto de medidas que irão baixar o custo da nossa energia e do nosso transporte, e reforçar, com vigor, a capacidade de investimento do nosso país.

De forma simultânea, criamos – e estamos a ampliar – as condições para baixar juros, diminuir impostos e equilibrar o câmbio.

Este novo ciclo que agora se inicia não é fruto de nenhuma mágica. É a evolução dos bons resultados que conseguimos até aqui e uma necessidade imperiosa para podermos continuar crescendo e distribuindo renda.

Já somos o país que tem a melhor tecnologia social do mundo e nossos instrumentos de política social são copiados em dezenas de países.

Estamos, agora, lançando as bases concretas para sermos, no médio e no longo prazo, um dos países com melhor infraestrutura, com melhor tecnologia industrial, melhor eficiência produtiva e menor custo de produção.

Minhas amigas e meus amigos,

Na próxima terça-feira vamos dar um importante passo nesta direção. Vou ter o prazer de anunciar a mais forte redução de que se tem notícia, neste país, nas tarifas de energia elétrica das indústrias e dos consumidores domésticos. A medida vai entrar em vigor no início de 2013.

A partir daí todos os consumidores terão sua tarifa de energia elétrica reduzida, ou seja, sua conta de luz vai ficar mais barata. Os consumidores residenciais terão uma redução média de 16,2%. A redução para o setor produtivo vai chegar a 28%, porque neste setor os custos de distribuição são menores, já que opera na alta tensão.

Esta queda no custo da energia elétrica tornará o setor produtivo ainda mais competitivo.

Os ganhos, sem dúvida, serão usados tanto para redução de preços para o consumidor brasileiro, como para os produtos de exportação, o que vai abrir mais mercados, dentro e fora do país.

A redução da tarifa de energia elétrica vai ajudar também, de forma especial, as indústrias que estejam em dificuldades, evitando as demissões de empregados.

Minhas amigas e meus amigos,

A redução do custo da energia elétrica não é a única importante decisão que estamos tomando para baixar o custo de produção e, por consequência, aumentar o emprego e diminuir o preço dos produtos brasileiros.

Também acabamos de assinar um conjunto de medidas que vai provocar, no médio e no longo prazo, uma verdadeira revolução no setor de transportes no nosso país.

Criamos a Empresa de Planejamento e Logística que, em parceria com a iniciativa privada, vai promover uma completa reformulação no setor de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

Além de restabelecer a capacidade de planejamento do sistema de transporte, o novo modelo vai promover a integração e acelerar a construção e modernização de ferrovias, rodovias, portos e aeroportos.

Para que vocês tenham uma ideia, vamos investir 133 bilhões de reais em rodovias e ferrovias. Isso significa ampliação e melhorias em 10 mil quilômetros de ferrovias e quase 8 mil quilômetros de rodovias.

Este plano significa, também, um novo tipo de parceria entre o poder público e a iniciativa privada, que trará benefícios para todos os setores da economia e para todo o povo brasileiro.

Ao contrário do antigo e questionável modelo de privatização de ferrovias, que torrou patrimônio público para pagar dívida, e ainda terminou por gerar monopólios, privilégios, frete elevado e baixa eficiência, o nosso sistema de concessão vai reforçar o poder regulador do Estado para garantir qualidade, acabar com os monopólios, e assegurar o mais baixo custo de frete possível.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Um novo ciclo de desenvolvimento só se inicia com mudanças na economia e na forma de gestão, e fazendo avançar a inclusão social. É isso que temos feito nos últimos tempos.

Revigoramos os fundamentos da nossa política econômica exitosa, mas, ao mesmo tempo, iniciamos uma mudança estrutural que tem, como sustentação, uma taxa de juros baixa, o câmbio competitivo e a redução da carga tributária.

Estamos conseguindo, por exemplo, uma marcha inédita de redução constante e vigorosa nos juros, que fez a Selic baixar para cerca de 2% ao ano, em termos reais. E fez a taxa de juros de longo prazo cair para menos de 1% ao ano, também em termos reais. Isso me alegra, mas confesso que ainda não estou satisfeita. Porque os bancos, as financeiras e, de forma muito especial, os cartões de crédito podem reduzir, ainda mais, as taxas cobradas ao consumidor final, diminuindo para níveis civilizados seus ganhos.

Sei que não é uma luta fácil. Mas garanto a vocês que não descansarei enquanto não vir isso se tornar realidade. Como também não descansarei na busca de novas formas para diminuir impostos e tarifas sem causar desequilíbrio às contas públicas, e, notadamente, sem trazer prejuízos a nossa política social.

E quero ressaltar que estou disposta a abrir um amplo diálogo com todas as forças políticas e produtivas para aprimorarmos o nosso sistema tributário.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

O Brasil, mais que nunca, tem um presente próspero e excelentes perspectivas para o futuro. Estamos conseguindo isso graças ao talento, ao esforço e à coragem de todos vocês. Também porque o governo tem agido certo e na hora certa.

O nosso governo está preocupado, mais que nunca, com a garantia do emprego e o ganho salarial do trabalhador. A prova disso é que, ao contrário da maioria dos países do mundo, aqui não houve desemprego nem perda de direitos dos trabalhadores. E somos um dos países, um dos poucos países do mundo, onde houve ganho real de salários.

Entre outras medidas, estamos incentivando o emprego por meio da diminuição dos impostos sobre a folha de pagamento das empresas.

Existe uma coisa mais importante que tudo: aumentamos, a cada dia, a fé e o orgulho no

nosso querido Brasil.

Somos, cada vez mais, um país que olha para o presente e para o futuro com um mesmo olhar de alegria, conforto e esperança.

Viva o Sete de Setembro!

Viva o Brasil!

Viva o povo brasileiro!

Obrigada e boa noite.

Ouçã a íntegra do [pronunciamento \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-por-ocasio-do-sete-de-setembro\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-por-ocasio-do-sete-de-setembro) (11min38s) da Presidenta Dilma

▣

# 11-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de redução do custo de energia

**Palácio do Planalto, 11 de setembro de 2012**

Senhor senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Deputado Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados,

Senhoras e senhores ministros de Estado, e aqui eu cumprimento o ministro Edison Lobão, de Minas e Energia; o ministro Guido Mantega, da Fazenda; a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; e o Advogado-Geral da União, Luís Inácio Adams, em nome dos quais cumprimento todos os ministros presentes.

Saúdo também os senhores governadores aqui presentes: Agnelo Queiroz do Distrito Federal; Elenilson Pontes, interino do Pará; Eduardo Campos, de Pernambuco; Antonio Augusto Anastasia, de Minas Gerais; Tarso Genro, do Rio Grande do Sul; Carlos Alberto Richa, do Paraná; Sebastião Viana, do Acre; André Puccinelli, do Mato Grosso do Sul; e José Wilson Siqueira Campos, de Tocantins;

Os senhores vice-governadores José Eliton, de Goiás; Jackson Barreto de Lima, do Sergipe; e Aírton Gurgacz, de Rondônia;

As senhoras e os senhores senadores aqui presentes: José Pimentel, líder do governo no Senado Federal [no Congresso Nacional]; Paulo Paim; Paulo Davim; Armando Monteiro; Eduardo Lopes; Waldemir Moka; Angela Portela; Romero Jucá; Celso Maldaner; Wellington Dias; e Aníbal Diniz;

Senhoras e senhores deputados federais... Arlindo Chinaglia, em nome de quem cumprimento todos os deputados e as deputadas aqui presentes.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores representantes das empresas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica.

Os senhores representantes das federações estaduais da indústria,

As senhoras e os senhores representantes de centrais sindicais: o Vagner Freitas, da CUT; o Wagner Gomes, da CTB; José Calixto Ramos, da Nova Central; Ubiraci Dantas, da CGTB; Antonio Maria Taumaturgo, vice-presidente da UGT; e Maria Auxiliadora dos Santos, secretária da Mulher da Força Sindical.

Senhoras e senhores integrantes de associações e conselhos de consumidores de energia elétrica,

Professor Eliezer Batista, por meio de quem cumprimento todos os empresários aqui presentes,

Senhor Nelson Hübner Moreira, diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica,

Senhor Hermes Chipp, diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS;

Senhoras e senhores... senhor Maurício Tolmasquim, presidente da Empresa de Pesquisa Energética,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

Para mim, hoje é um momento especial porque, nos vinte meses de governo, nós trabalhamos intensamente para implementar medidas, em simultâneo, que atendam às demandas conjunturais e às demandas estruturais do Brasil.

Aliás, um governo tem de olhar sempre o curto, o médio e o longo prazo. Nós temos feito o que a urgência nos demanda fazer - porque há urgências -, e também o que o planejamento de médio prazo nos exige, e, sobretudo, o que a nossa visão estratégica impõe e nos indica.

Nós tomamos as medidas pontuais e urgentes que a crise mundial nos impôs. E estamos, ao mesmo tempo, adotando providências que significam mudanças estruturais e duradouras na economia brasileira. Todas essas mudanças, elas têm um denominador comum: garantir a continuidade do crescimento com inclusão social, e para tanto, elevar a competitividade do nosso país.

Em um ano, nós reduzimos a taxa de juros básica em cinco pontos percentuais e o fizemos de maneira sensata e sustentável. Hoje, praticamos juros reais em torno de 2% a.a, patamar mais civilizado que o país já alcançou; patrocinamos ações efetivas para que o câmbio, artificialmente valorizado por tsunamis monetários e por políticas monetárias de combate à crise nos países desenvolvidos, deixasse de ser um entrave ao mercado interno e à conquista de mercados internos... externos pelas empresas brasileiras; estamos fazendo concessões e PPPs para garantir bons serviços públicos aos usuários dando eficiência à nossa estrutura logística. Para isso, vamos acabar com os monopólios criados no passado e com custos logísticos distorcidos, como é o caso dos fretes... da comparação de fretes rodoviários e ferroviários. São esses critérios que orientam as parcerias entre o estado e a iniciativa privada e vamos permitir construir e duplicar 7,5 mil km de rodovias, construir 10 mil km de ferrovias e modernizar e tornar eficientes os nossos portos, os nossos aeroportos, simultaneamente, assegurando que haja uma estrutura aeroportuária regional no nosso país.

Temos atuado para tornar a carga tributária brasileira menor e mais racional. Já realizamos desonerações expressivas que montam a bilhões de reais. E destaco, sobretudo, aquelas relativas à folha de pagamento. Precisamos também, é verdade, avançar ainda mais nessa racionalização da nossa estrutura tributária tornando-a, também, ao mesmo tempo, muito mais justa.

A sociedade brasileira sabe, pelo conteúdo das medidas que nós estamos tomando e anunciando, que a nossa maior preocupação é aumentar o investimento público e privado, elevar os níveis de eficiência e ampliar a competitividade da nossa economia porque sabe que isso é crucial para que continuemos distribuindo renda, elevando o emprego e reduzindo a pobreza.

Hoje, nós damos mais um passo decisivo nessa direção: nós vamos realizar a maior redução nas tarifas de energia que se tem notícias neste país e que beneficiará tanto consumidores quanto empresários, trabalhadores, mas, sobretudo, a todos os consumidores sem exceção.

Faço questão de repetir os números do ministro Lobão: a partir do início de 2013 os consumidores residenciais vão ter sua conta de luz reduzida em 16,2% e os industriais entre

19% e 28%. Gostaria de acrescentar algo que talvez não tenha ficado muito explícito na apresentação do ministro Lobão: essas reduções que eu me referi, elas poderão ser ainda maiores quando a Aneel concluir os estudos em março e apresentá-los numericamente no que diz respeito aos contratos de distribuição que vencerão entre 2016 e 2017. Portanto, esses números são números que me permitem dizer que eu não estou cometendo nenhum exagero ao afirmar que nós estamos tomando uma medida histórica.

Porque essa redução das tarifas de energia elétrica é um importante momento da política energética que implantamos no país a partir de 2003. É mais um elo de um círculo que eu quero dizer que é um círculo virtuoso que nós, temos certeza, que a partir de agora terá uma dinâmica própria. Nós sabemos que a partir de 2003 um grande trabalho na área de energia foi realizado no nosso país.

Quando eu me tornei ministra de Minas e Energia do governo do presidente Lula, nós tínhamos um país com sérios problemas de abastecimento de energia que amargara oito meses de racionamento, que resultaram em grandes prejuízos para as empresas – tanto as empresas da área do setor elétrico, como as demais empresas do país – e impuseram restrições à qualidade de vida da população.

Nós tivemos que reconstruir este setor, que é fundamental para qualquer estratégia de desenvolvimento, e até de sobrevivência de uma nação, que é o setor de energia.

Nós sabemos, e temos até neste momento, estamos vendo um grande país como a Índia passar por esse problema.

Quando eu fui convocada pelo presidente Lula para refazer o modelo do setor elétrico brasileiro, eu tive e contei com o esforço de uma equipe competente e extraordinária que está aqui. E quero lembrar, na época, o secretário-executivo Maurício Tolmasquim, o também hoje presidente da Aneel, meu querido Nelson Hübner, e vários outros, inclusive alguns que foram consultores desse processo também. Eu queria mencionar especialmente dois, queria mencionar o engenheiro Mário Veiga, da PSR, da consultoria PSR, e queria mencionar também o professor de Harvard, nosso consultor e também, em Harvard, o responsável pelo setor de energia elétrica, Ashley Brown.

E nós pudemos, naquela época, com o esforço também de uma discussão sistemática com todos os membros do setor elétrico, tanto da distribuição, quanto da transmissão, geração, consumidores livres e órgãos de defesa dos consumidores, nós pudemos atender às três exigências que o presidente Lula nos deu como diretriz naquele então: garantia de fornecimento, ou seja, garantia de segurança de fornecimento – não pode faltar luz nos 365 dias do ano, nem em nenhuma das 24 horas do dia; além disso, adoção de tarifas módicas; e acesso universal à energia elétrica.

Sem sombra de dúvida, nós eliminamos o risco de racionamento e criamos as condições para os investimentos na construção de hidrelétricas, de eólicas, de biomassa, mesmo de usinas térmicas. Ampliamos a rede de distribuição e de transmissão.

O programa Luz para Todos retirou da escuridão, como o ministro Lobão demonstrou, ele falou em 15 milhões de consumidores, dois milhões novecentos e setenta mil famílias foram tiradas da escuridão.

Nós demos estabilidade e demos segurança ao mercado de energia elétrica que, aliás, naquele então não funcionava, reduzindo o risco, garantindo o financiamento, respeitando contratos e estabelecendo metas para nós mesmos. Esse modelo, sem dúvida, deu certo.

Mesmo com a economia crescendo, não faltou energia ao país, porque nós passamos a planejar e também construímos fóruns e mecanismos de controle e garantia da segurança

energética, do qual participaram a ONS e a Aneel.

Aumentamos a produção e asseguramos a transmissão e a distribuição e continuamos garantindo que a nossa matriz hidrelétrica fosse uma das mais limpas do mundo, com 74% da eletricidade fornecida por hidrelétricas. Aliás, eu quero enfatizar – mas enfatizar bastante – que as medidas que nós anunciamos hoje só são possíveis porque esse país tem energia hidrelétrica. Porque o peso desta energia de origem hídrica em nossa matriz energética permite que nós tenhamos condições de, ao reverter, ao findar uma concessão, fazer com que seus benefícios retornem ao consumidor.

Sabe por quê? Porque a energia hidrelétrica é uma energia gerada por uma hidrelétrica que é longa. Que tem grande longevidade, que, portanto, o seu tempo de duração é muito maior do que o tempo de concessão e o tempo de amortização. É simplesmente esse fator que permite que nós estejamos aqui nos propondo a transferir para os consumidores a energia já paga durante o contrato de concessão. Esse é um ativo da sociedade brasileira. É um ativo que está nos trazendo hoje e ainda nos trará frutos muito bons.

Assim, passado o período de consolidação da garantia do fornecimento, iniciamos uma nova etapa, porque tem concessões vencendo, concessões que já foram amortizadas, vencendo neste período. E, nessa nova etapa, os preços da energia vão contribuir para assegurar menor custo e maior competitividade às empresas e menor preço e mais qualidade de vida à população sem nenhuma mágica. Decorre do fato da matriz de energia elétrica deste país ter como base a hidroeletricidade. E, portanto, velhas senhoras, velhas senhoras... com mais... tem algumas com mais de 70 anos, elas, continuam a gerar benefícios e nós teremos de transferi-los para a população porque isso é fator de competitividade sistêmica para o país.

Assim sendo, nós vamos renovar, já, as concessões das empresas de geração de transmissão e distribuição de energia que venceriam até 2017. Essa parte é fruto da decisão política do governo de antecipar os vencimentos da concessão e assegurar uma redução de custos, já em 2013, para a população, empresários, trabalhadores, donas de casa, de todo o país.

Nos termos em que será feita com respeito a todos os contratos, essa renovação permitirá, pela primeira vez na história do setor elétrico, retorno para o consumidor dos investimentos que foram financiados por ele. Ele terá redução da tarifa de energia elétrica. E as concessionárias, ao serem indenizadas pelos investimentos ainda não amortizados, vão dispor de um capital livre, o que lhes permitirá condições muito melhores de investimento.

Em suma, a renovação das concessões de geração, de transmissão e distribuição, nos termos que estamos fazendo, beneficia a todos sem exceção. E as tarifas de energia vão diminuir, também, graças à decisão do governo de reduzir os encargos que hoje incidem sobre a conta de luz de todos os brasileiros, e também, por aportes que o Tesouro Nacional fará ao sistema para financiar políticas de atendimento a parcelas específicas da população mais carente.

Vamos reduzir o custo da energia sem alterar em nada o compromisso com o adequado, seguro, garantido atendimento devidos aos consumidores brasileiros. O Estado brasileiro e a Aneel serão cada vez mais vigilantes para garantir a qualidade dos serviços prestados pelas concessionárias de energia.

Fiscalizaremos com rigor, como até hoje temos feito, o cumprimento de todos os contratos, a qualidade do serviço. E, a partir de agora, nós puniremos de uma forma bastante clara aqueles que mal gerirem, aqueles que, mesmo recebendo uma concessão, que na sua área de concessão é monopolista, têm garantia de transferência de custos à tarifa, mesmo assim, mal gerem suas empresas. Porque o respeito aos direitos do consumidor e a garantia do bom

atendimento são objetivos essenciais do nosso governo.

Não é possível, em um regime democrático com o nosso, não considerar que é pré-condição para a cidadania ser consumidor também. Com isso, o respeito ao consumidor é um respeito fundamental e que demonstra a maturidade do sistema econômico e institucional do país.

A sociedade brasileira, sem dúvida, construiu o setor elétrico. Foi ela que construiu, foi ela que pagou por esse setor elétrico, através de tarifas. Sem sombra de dúvidas, a sociedade brasileira pagou por essa eletricidade que todos nós consumimos.

Chegou a hora de começar a devolver a ela os benefícios desse pagamento, disso que nós chamamos de investimento, também na forma de tarifas mais baixas, mais justas, ou seja, mais módicas. Porque, para as empresas, energia mais barata significa menor custo de produção, e bens e serviços mais competitivos. Significa também mais recursos para investir e produzir. Significa que nós temos hoje condições de usufruir do fato de termos uma matriz predominantemente hidrelétrica.

Para o consumidor residencial, significa pagar menos na sua conta de luz mensal. Significa também a possibilidade de consumir produtos e serviços mais baratos, porque o peso da energia nesses produtos irá diminuir.

Há um termo que nós, que principalmente os economistas deste país gostam muito, que resume a importância dessas medidas que eu já disse esse termo há pouco: efeito sistêmico, efeito sobre todos os setores. A redução das tarifas de energia, na verdade, tem impacto sobre toda a economia. Vai reduzir o custo das mercadorias, melhorar a participação do país na disputa internacional por mercados, criar mais empregos, reduzir a inflação e estimular maior crescimento.

Ao longo do processo, o trabalhador vai ganhar, o empresário vai ganhar, ganharão, também, todos nós, todas as esferas de governo: estados, municípios e a União.

A redução do preço da energia é um dos pontos importantes da nova etapa do nosso modelo de desenvolvimento. Com juros em níveis civilizados, câmbio equilibrado, inflação sob controle, carga tributária mais racional, investimento em infraestrutura, estímulo ao investimento na produção, custo de energia mais baixo, investimento em educação e formação profissional, nós estamos mudando as bases competitivas de nosso país. Mais competitividade nos torna mais fortes, muito mais fortes para enfrentar a crise mundial. Nos habilita a dar continuidade ao crescimento, a criar empregos, a redistribuir renda e eliminar a miséria.

Dos 120 mil megawatts, que é o total de energia produzida no Brasil: 120 mil megawatts, nós estamos revertendo em benefício do consumidor 22 mil 341 megawatts, 18,3% do total de energia, porque é isso que está vencendo. Essas concessões na área de geração vencem entre [20]15 e [20]17. Começa a vencer agora até [20]15 e [20]17. Nós estamos antecipando o vencimento, pagando pelo que não está amortizado. Dos 102 mil quilômetros de linhas de transmissão, nós estamos revertendo 69 mil quilômetros, ou seja, 67,6% que tem concessões vencendo nesse mesmo período. E na distribuição nós estamos revertendo o equivalente a 35% do mercado no mesmo período. Esse setor é um setor complexo, que tem uma série de requisitos técnicos. Nós estamos fazendo esse lançamento hoje porque de agora até a vigência, quando nós iremos, no início de 2013, transferir isso para a conta de luz de todo mundo – tem uma série de requisitos, cálculos, análises, certificações, discussões contratuais que vão ter lugar.

E também, no caso específico da distribuição, nós só podemos fazer essa quantificação com uma cuidadosa análise de cada uma delas. Por isso, hoje à tarde, no Ministério de Minas e

Energia, o ministro Lobão irá presidir um *workshop* técnico a respeito dessa questão das tarifas, como está sendo calculado, como será a metodologia de cálculo tanto da redução no que se refere à reversão do que já foi pago de concessão, como a redução dos encargos e a contribuição do aporte da União. Nesse *workshop*, que é eminentemente técnico, estão convidados todos aqueles que se interessarem por essa matéria.

Mais uma vez, eu queria agradecer a todos que participaram da elaboração desse processo. Nós temos certeza de que a redução das tarifas de energia, ela é crucial para o nosso país no que se refere à redução dos custos que nós temos de procurar.

O Brasil está agora em um novo momento desse modelo de crescimento que nós implantamos em 2003. E esse novo momento exige que nós busquemos redução de custos. Não se trata apenas de falar que nós temos de fazer investimentos – isso todos nós sabemos. Há que construir os caminhos para tornar esse mecanismo, essa, eu diria assim, essa roda do círculo virtuoso uma prática que irá decorrer do seu próprio movimento.

O que eu quero dizer com isso? Que a redução das tarifas de energia, ela decorre do nosso modelo hidrelétrico e do que nós implantamos em 2003. Nós estamos hoje colhendo os frutos que nós começamos em 2003, 2004 e 2005.

Eu lembro perfeitamente quando o chamado mercado de energia elétrica não funcionava – ninguém liquidava, nem pagava ninguém. Este país mudou, nós respeitamos contratos. E por respeitarmos contratos, sabemos que os contratos de concessão venceram. Não se pode tergiversar quanto a isso. Há que transferir para a população o ganho que ela é responsável nesse período de mais de 30 anos, porque tem concessões que já têm 60 anos de vencimento. Então o que nós estamos hoje realizando faz parte de um processo. Eu tenho certeza que combinado com outros processos, a sinergia disso vai garantir para o país uma década de crescimento. E nós não crescemos como um fim em si. Nós crescemos para beneficiar as pessoas, para garantir que esse país seja, de fato, um país muito melhor de se viver, do que aquele que nós passamos a nossa adolescência, a nossa juventude e a nossa maturidade. Um país que nós vamos ter orgulho de deixar para nossos filhos e nossos netos.

Faz parte desse país explorar as nossas diferenciações positivas. Uma delas é ter uma matriz hidrelétrica, uma rede de transmissão e de distribuição e podermos transformar isso em benefício para a população. Por isso, eu agradeço aos senhores e mais uma vez convido àqueles que estão interessados em conhecer a metodologia, que participem do *workshop* às três da tarde, no Ministério de Minas e Energia.

Muito obrigada.

Agradeço aos senhores empresários aqui presentes, da área de energia. Agradeço aos trabalhadores das centrais e, sobretudo, agradeço também aos representantes dos conselhos de consumidores.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-reducao-do-custo-de-energia-brasilia-df-30min06s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-reducao-do-custo-de-energia-brasilia-df-30min06s>) (30min06s) da Presidenta Dilma

# 13-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Brasil Medalhas 2016

O Plano prevê investimentos do governo federal em modalidades olímpicas e paralímpicas, visando a preparação dos atletas e equipes técnicas para os Jogos Rio 2016

**Palácio do Planalto, 13 de setembro de 2012**

Meus caros Daniel Dias e Fabiana Alvim, por meio de quem eu cumprimento todos os atletas brasileiros e equipe técnica.

Queria cumprimentar aqui os ministros e as ministras de Estado, cumprimentando a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, e o ministro do Esporte, Aldo Rebelo.

Queria cumprimentar também o governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz,

O senador Aníbal Diniz,

O senhor Marcio Fortes, presidente da Autoridade Pública Olímpica,

Queria cumprimentar o Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Também cumprimentar o senhor Andrew Parsons, presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro,

Senhores presidentes de empresas estatais, parceiras do Plano Brasil Medalhas,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Esta cerimônia, ela é, em primeiro lugar, uma celebração das vitórias do Brasil nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paralímpicos de Londres. O Brasil deve comemorar seus bons resultados no esporte, também como comemora os bons resultados, quando a gente vê 40 milhões de brasileiros indo para a classe média. Conquistas a gente tem sempre de celebrar porque, como disse tanto o Daniel como a Fabiana, as conquistas, elas têm de nos impulsionar para ir além, para continuar avançado e buscando novas metas.

Por isso, eu quero, primeiro, reconhecer a imensa importância da atuação de todos os atletas, os paralímpicos e os atletas olímpicos que foram a Londres. Reconhecer, também, a atuação e a importância para o Brasil daqueles que subiram nos pódios. E também reconhecer que cada pessoa, cada brasileiro e cada brasileira, em relação ao desafio de vocês, vocês podem ter certeza que os corações bateram junto, a respiração se acelerou, e houve uma imensa sensação de vitória e de orgulho quando vocês ganharam as medalhas.

Essa sensação, em alguns momentos, ela é muito importante, porque, naquele momento, o que nós sentimos é que vocês conseguiram, e quando vocês conseguiram, uma parte é como

se nós todos tivéssemos conseguido. É essa a magia do esporte, essa capacidade de nos unificar num mesmo... através da distância, num momento muito especial, em que todos nós fazemos aquilo que nos cabe, que é torcer. Mas vocês fazem aquilo que é mais importante: é nos dar a vitória. E é uma vitória que tem importância, seja ela a vitória da medalha de bronze, da medalha de prata e, obviamente, da medalha de ouro; seja também a vitória daqueles que faltou, às vezes, um segundo, que faltou um pouquinho mais, mas que a gente sabe que, da próxima vez, pode e vai ser diferente.

Por isso, hoje aqui nós estamos comemorando o desempenho, a alegria e o orgulho que vocês, nos Jogos Olímpicos e nos Jogos Paralímpicos de Londres, deram à população brasileira. É isso que nós viemos, primeiro, agradecer. De outra parte, é reconhecer que um novo ciclo olímpico que se inicia agora tem, em seu horizonte final, os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro.

Como sede dos Jogos, é muito justo que as nossas ambições – a de vocês, e as nossas e a do povo brasileiro – sejam ainda maiores em termos de vitórias e de medalhas. Mas querer, esperar e ambicionar, ainda que sejam sentimentos e posturas absolutamente essenciais, não garantem, por si só, as conquistas. Nós temos de acrescentar o verbo fazer e, para isso, é óbvio que o esforço individual, a superação, toda a capacidade de cada um de vocês tem de receber também o suporte, o apoio do governo e do Estado brasileiro e da sociedade brasileira. Nós estamos aqui dizendo, portanto, que estamos conscientes que, para que a gente possa dar um passo, dar um salto e fazer um gol, nós precisamos de ter uma ação deliberada, sistemática e objetiva do governo.

Por isso, o desempenho do Brasil depende também do que nós formos capazes de construir de oportunidades para vocês, tanto nós, governo, como a sociedade e a iniciativa privada.

O Plano Brasil Medalhas vai aprimorar o que nós consideramos essencial: primeiro, o apoio ao atleta, diretamente ao atleta, e isso é obtido através do Bolsa Pódio e do Bolsa Treinador, entre outras coisas. Mas também é dando suporte de infraestrutura, de tecnologia, de respaldo, através de centros de treinamento, para aqueles que estão entre os 20 melhores atletas do mundo em suas modalidades. O nosso objetivo é, sem dúvida, obter, sim, vitórias, é, de fato, chegar ao maior número possível de medalhas.

Então, ao regulamentar o Bolsa Pódio, que é uma das modalidades do Bolsa Atleta, e ao garantir que haja uma equipe técnica dando suporte aos atletas, nas suas diferentes modalidades, nós estamos apostando que um conjunto integrado de medidas é necessário para a preparação de atletas de alta performance. Nós estamos conscientes que isso é necessário e que o Brasil tem de dar passos no sentido de transformar isso numa prática sistemática.

Nós também sabemos que depende da infraestrutura. Eu estive em Londres e vi as condições nas quais se colocava a equipe olímpica brasileira. Eu não visitei aquele centro esportivo de forma completa, mas eu tive uma noção dele, e percebo claramente que é fundamental que o nosso país tenha centros de treinamento de alta qualidade. Se nós vamos construir, reformar, ampliar ou modernizar, o certo é que nós vamos ofertar 22 centros de treinamento, nos quais vocês terão o suporte para treinar e levar à frente essa ambição que cada um de vocês tem dentro de si, e que é uma ambição bendita porque ela, de uma certa forma, é a síntese da ambição de 194 milhões de brasileiros, expressa em vocês.

Eu tenho certeza que este ato de hoje, que esse 1 bilhão faz parte do início de um processo que vai mobilizar o Brasil no sentido de dar absoluto suporte aos seus atletas de alto rendimento. Tenho certeza que, além das empresas públicas aqui presentes... Eu agradeço o Banco do Brasil, a Caixa, a Petrobras, a Eletrobrás, agradeço à Infraero, aos Correios, enfim,

a todas as empresas, ao BNB, a todas as empresas estatais que estão neste programa, agradeço e acho que, para elas, é muito importante participar nestes programas. Tenho certeza que tem algumas empresas com um certo ciúme da Caixa, porque a Caixa, em alguns casos, saiu na frente. Vocês me desculpem essa constatação, mas eu tenho escutado algumas considerações a respeito. Então, eu considero que é muito provável que essa mobilização seja acompanhada também por uma mobilização da iniciativa privada.

Nós temos, e todos nós sabemos, uma boa estrutura nos esportes coletivos. E sempre que eu assisto os nossos esportes coletivos, eu fico me perguntando por que não é cada um dos integrantes que ganha uma medalha. Eu sei que essa regra do jogo, ela foi imposta há um tempo, e que é assim, mas eu considero que o Brasil tem de ter uma proposta de aumento de medalhas, apostando também nos esportes individuais. E é isso que também iremos fazer.

Gostaria de dizer para vocês que nós temos, o ministro Aldo, a ministra-chefe da Casa Civil e todos que participam, os ministros que participam dessa questão, que é lidar com a Olimpíada de [20]16 e assegurar que nós tenhamos as melhores condições possíveis e transformemos a Olimpíada de 2016 num momento especial deste país, em que nós iremos dar um salto e nos transformar numa potência esportiva, ou caminhar em passos firmes para nos transformarmos.

Nós temos uma preocupação, que é nacionalizar essa Olimpíada. Nacionalizar essa Olimpíada é levá-la para o Nordeste, para o Norte, para Sul, para o Sudeste e para o Centro-Oeste. É também perceber que nós temos de cumprir um papel no sentido de afirmar a importância do esporte na formação da identidade desse país.

Nós somos um país que tem uma grande capacidade esportiva. Sem sombra de dúvida, somos reconhecidos em vários esportes, mas nós não temos ainda massificado esportes individuais. Daí porque eu queria dizer para vocês que além do Brasil Medalhas, nós estamos procurando um mecanismo similar à Olimpíada da Matemática, porque a Olimpíada da Matemática que passou, levou 18 milhões e 700 mil alunos a disputar a Olimpíada da Matemática. Por que que é que nós não podemos ter uma olimpíada do atletismo? Uma olimpíada de crianças e jovens que possam correr e saltar? Então, juntos, Ministério da Educação e Cultura, coordenado pelo Ministério dos Esportes, com a participação da Casa Civil e também com as Forças Armadas brasileiras e, eu tenho certeza, as empresas públicas, nós estamos organizando da mesma forma da Olimpíada da Matemática, nós estamos organizando também a nossa olimpíada nacional de atletismo para jovens, para as escolas, para todos os segmentos que vão poder florescer na próxima Olimpíada de 2016 e na de 2020 e assim sucessivamente.

Queria também dizer que nós sabemos que num país, para se exercer plenamente a cidadania, é importante que escolas, equipamentos urbanos acessíveis, equipamentos de esporte acessíveis são essenciais. Por isso, nós estamos todos envolvidos no sentido de assegurar que em cada lugar do nosso país nós tenhamos condição de manter os atletas que surgirem neles, tendo um treinamento adequado nesses lugares, garantindo condições de vida decente para esse atleta. A história que o ministro Aldo contou do Popó, que não tinha onde dormir e dormia na rodoviária é um exemplo que nós queremos riscar da nossa história.

Finalmente, eu queria dizer que eu vou homenagear, eu estava copiando alguns nomes que eu quero homenagear. Primeiro, um técnico que eu tive a oportunidade de falar com ele no telefone, quando nós ganhamos a medalha de ouro do vôlei feminino. Queria homenagear o José Roberto Guimarães. O Nuzman me garantiu que ele estava aí, heim? Então, onde é que ele está? Bom, é tem uma porção de gente que jura que viu.

Bom, além disso, eu queria homenagear a Letícia, porque a Letícia é técnica do vôlei de praia

masculino.

Queria também homenagear o Ramon Pereira, do futebol de cinco dos jogos paralímpicos. Ah, o Ramon está aí.

Ao homenagear esses três técnicos, eu estou tentando homenagear um conceito, que é o conceito de equipe. Nós sabemos que nesse processo de vitória é fundamental a equipe. E o técnico tem um papel essencial. Daí porque eu homenageio.

Acrescento, também, à homenagem que todos já fizeram, uma homenagem especial – quer dizer, eu queria reiterar – que é a vitória do Alan contra o Pistorius. Não foi contra o Pistorius, mas é assim que nós vivemos. O Alan representa uma coisa muito importante que o Andrew falou, que é o fato de que ele provou não só que é fundamental respeitar a igualdade de oportunidade no início da competição e da vida, mas sobretudo o seguinte: mesmo em alguns momentos em que parece que os vencedores tradicionais ganharam, é possível derrotá-los e derrotar no bom sentido, respeitando um grande atleta que é o Pistorius. E o tamanho da sua conquista também se deve ao tamanho do Pistorius. Parabéns Alan, em todos os nossos nomes.

▣  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-plano-brasil-medalhas-2016-brasilia-df-18min57s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-lancamento-do-plano-brasil-medalhas-2016-brasilia-df-18min57s>) (18min57s) da Presidenta Dilma

# 13-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de posse da nova ministra de Estado da Cultura, Marta Suplicy

**Para a presidenta, a riqueza e a diversidade cultural são traços marcantes do Brasil e todo país, que é uma nação, tem como base da sua identidade, sua cultura**

**Palácio do Planalto, 13 de setembro de 2012**

Senhor Michel Temer, vice-presidente da República,

Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Querida Ana de Hollanda, ex-ministra da Cultura,

Ministra da Cultura Marta Suplicy,

Queridos familiares da ministra aqui presente,

Senhoras e senhores ministros de Estado. Ao cumprimentar a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil, e a ministra Marta Suplicy, da Cultura, eu cumprimento todos os ministros aqui presentes.

Saúdo também, as senhoras e os senhores senadores Eduardo Braga, líder do governo no Senado; Fernando Collor, ex-presidente da República; Ângela Portela; Benedito de Lira; João Ribeiro; Pedro Taques; Eunício Oliveira; Randolfe Rodrigues; Rodrigo Rollemberg; Walter Pinheiro; Roberto Requião; Gim Argelo; Renan Calheiros; Aníbal Diniz; Ciro Miranda e Lídice da Mata.

Cumprimento as senhoras e os senhores deputados federais aqui presentes: Janete Pietá; Vicente Cândido; Milton Lima; Jandira Feghali; Paulo Teixeira; Alessandro Molon; Paulo Ferreira e Gilmar Tatto.

Cumprimento os representantes aqui da produção e da difusão cultural e todos os artistas e agentes culturais aqui presentes.

Cumprimento também, as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu queria inicialmente dizer e começar por um agradecimento. Quero dedicar esse momento a agradecer a colaboração da Ana de Hollanda neste período em que esteve conosco no governo.

Eu sei que nem sempre foi fácil. Mesmo porque esta experiência que é o exercício de uma atividade no governo, raramente é fácil. Mas agradeço de coração por sua lealdade, pelo sacrifício da vida pessoal, pela maneira estoica com que enfrentou as pressões, muitas vezes injustas e excessivas. Agradeço, sobretudo, a dedicação com que cumpriu o seu papel. O

governo será eternamente grato à sua atuação à frente do Ministério.

Gostaria de dizer a vocês que eu estou consciente que a riqueza e a diversidade cultural são traços marcantes do nosso país, do nosso Brasil. Todo país, que é uma nação, tem como base da sua identidade, sua cultura. E no nosso caso, valorizar a diversidade cultural, valorizar e respeitar o fato que temos regiões culturais diversas que às vezes correspondem a um estado, às vezes são menores que um estado ou às vezes até maiores. Respeitar essa diversidade cultural é essencial para que nós possamos construir a nossa nacionalidade.

Muito feliz foi a imagem da ex-ministra Ana de Hollanda ao falar de uma viagem como se fosse uma experiência cultural, a experiência cultural como uma viagem pelo Brasil. Talvez, seja mais correto falar em viagem do que nós pensarmos numa soma de experiências. Na verdade, a diversidade cultural do Brasil é um caminho de construção da nossa nacionalidade.

A nossa atuação na cultura, ela tem sido pautada por três grandes princípios: democratizar o acesso da população à produção cultural; garantir o financiamento contínuo, a circulação da produção cultural; e ampliar o financiamento da cultura, tendo clareza que nós temos como papel ampliar cada vez mais o espaço cultural e garantir que a cultura seja um mecanismo de celebração da vida na medida que permite, também, que nós construamos diferentes mundos e esse é o papel da diversidade cultural.

No caso do Ministério da Cultura, nós temos tido uma experiência importante, começando com o ministro Gil, passando pelo ministro Juca, pela ministra Ana de Hollanda. E eu tenho certeza que a senadora e ex-prefeita, a minha amiga e companheira Marta Suplicy está à altura do papel de levar à frente o Ministério da Cultura, transformando, a cada momento, a cultura numa prioridade central do meu governo.

A ministra Marta tem, pela sua experiência, mas, sobretudo, pela sua força, pelos seus compromissos, os mais diversos, e pelo seu olhar não preconceituoso, pelo seu olhar capaz de acolher diferentes manifestações da civilização e da sociedade brasileira, tem condições plenas de levar à frente essa tarefa que é transformar cada vez mais a cultura num centro de articulação de todas as grandes políticas do nosso país. E uma nação [não] se afirma sem que a sua cultura seja celebrada e sem que ela tenha oportunidade de se manifestar.

No que se refere às condições materiais para a realização dessa tarefa na proposta orçamentária que enviamos ao Congresso Nacional, a ministra Marta Suplicy vai receber um orçamento que em 2013 chega a R\$ 3 bilhões, aos quais se somam outros R\$ 2,2 bilhões que podem ser mobilizados pelas leis de incentivo. Trata-se de um aumento de 65% em relação ao orçamento de 2012. Esse é um legado importante que a ministra Ana de Hollanda deixa para Marta Suplicy. Mas este não é um movimento isolado, porque no governo o orçamento do ministério cresceu 115% e os recursos do Fundo Nacional de Cultura foram ampliados em 159%. Certamente todos os militantes e gestores da área de cultural querem mais. Não tenho dúvidas que a cultura brasileira merece mais. Mas temos feito no meu governo e no do presidente Lula muito do que é o desejo da nossa área cultural.

Tenho consciência que temos ainda de perseguir cada vez mais uma ampliação, eu não digo só dos recursos, mas fundamentalmente das atividades que fazem com que a aplicação desses recursos se voltem como bens, tanto para aqueles que trabalham especificamente na área cultural quanto para toda população brasileira que dela usufrui.

Esse nosso compromisso será facilitado, e muito, a partir da aprovação pelo Congresso Nacional do Sistema Nacional de Cultura, relatado pela ministra Marta Suplicy. Essa é uma excelente notícia que a cultura brasileira recebeu ontem.

Queria dizer que nós sabemos que uma das questões mais importantes é o acesso à cultura. É impressionante que muitos brasileiros e brasileiras jamais tenham chegado a um cinema, a um teatro, jamais tenha usufruído dessa criação humana, que é as atividades culturais, as mais diversas possíveis.

Nós julgamos que a democratização e o acesso à cultura, em suas mais variadas formas de expressão – cinema, teatro, biblioteca, museu, acesso a internet, a livros, a revistas – é uma das coisas mais importantes para se agregar à questão democrática, à questão civilizatória. E faz lembrar aquela música dos Titãs, que diz: “A gente não quer só comida; a gente quer comida, diversão e arte”.

E eu queria destacar algumas questões. As praças dos esportes e da cultura, que estamos construindo por todo o Brasil, o apoio aos pontos de cultura, a inclusão digital, o Plano Nacional de Banda Larga são alguns exemplos de ações que irão democratizar o acesso à cultura. Sobretudo é preciso para isso, também, reforçar a produção de cultura em nosso país. Dar as mais amplas condições para que o nosso povo produza e pratique cultura. Vamos continuar perseguindo, com obstinação, o plano de levar uma biblioteca a cada cidade brasileira.

Mesmo que a banda larga tenha e dê acesso a um livro digital, nada pode substituir a experiência de ter um livro nas mãos e de lê-lo. Recuperar o nosso patrimônio histórico, museus, bibliotecas e as nossas cidades históricas é não só manter a nossa memória, celebrá-la, mas também é valorizar todas as manifestações históricas do nosso povo.

As grandes filas que têm se formado para visitar algumas exposições recentes, como a de Caravaggio, a dos pintores impressionistas, demonstram que boas iniciativas, desde que bem organizadas, empolgam e atraem os brasileiros de todas camadas sociais, que dão vida e relevância aos museus.

Nós temos de consolidar nossos museus, assegurar que eles estejam abertos para nós e para todos aqueles de outros países que nos visitam. Por isso, também, as nossas cidades históricas, que são museus vivos, têm de ser preservadas, recuperadas e valorizadas, pois guardam em suas ruas e prédios a história de nosso povo. Desde São Luís – não é, presidente Sarney? – que hoje completa 400 anos, passando por Ouro Preto e todas as cidades que nós sabemos, como a Bahia, representam a experiência e a história brasileira. Por isso, nós vamos investir um bilhão de reais no PAC Cidades Históricas, para recuperá-las.

Eu queria, também, destacar a aprovação da lei do audiovisual, que permite que o Brasil, a partir de agora, tenham de fato um grande fomento nessa área e que crie uma indústria e que crie tanto uma experiência de produtores culturais autônomos e independentes até uma indústria cultural sofisticada. Aliás, um produtor cultural independente pode ser uma grande indústria sofisticada, por isso, nós sabemos que a cultura também é fonte de riqueza econômica.

Sabemos que a cultura é uma parte muito expressiva do nosso PIB. Daí porque eu fico muito confortável e coloco na ministra Marta Suplicy esse desafio. Eu tenho certeza que a Marta vai, não só dar conta de tudo isso, mas também, praticar a cultura no seu ministério, inventando outras artes. Inventar outras artes é algo que a experiência da ministra Marta Suplicy dá sustentação para a sua atividade.

A ex-ministra teve uma experiência desafiadora quando dirigiu a prefeitura de São Paulo. Levar através dos CEUs para milhões de cidadãos paulistanos atividade cultural está à altura da experiência também que é necessária para exercer o cargo de ministra da Cultura.

Por isso eu tenho certeza, Marta, que você traz para o cargo duas grandes experiências e múltiplas qualidades que serão muito úteis para o meu governo. Eu tenho certeza que mais do que útil, para você, será muito útil para mim. Tanto é que eu te disse: Eu não peço só a Deus. Eu peço a você que coordene a área da cultura, trabalhe por ela e leve ela à frente.

▣  
Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-posse-da-nova-ministra-de-estado-da-cultura-marta-suplicy-brasilia-df-17min37s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-posse-da-nova-ministra-de-estado-da-cultura-marta-suplicy-brasilia-df-17min37s>)(17min37s) da Presidenta Dilma

# **17-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante visita aos locais de construção das plataformas P-55 e P-58**

**Rio Grande-RS, 17 de setembro de 2012**

A primeira coisa que eu quero falar é um grande obrigada por todos vocês estarem aqui, do fundo do meu coração. Obrigada pelo carinho, até pela chuva.

E eu quero dizer para vocês que, para mim, foi um imenso prazer ter vindo aqui em Rio Grande. Um imenso prazer, porque aqui nós vemos milhares de trabalhadores que, agora, têm uma profissão, têm uma oportunidade para si, para suas famílias e seus filhos.

Eu espero - e eu vou ser bem rápida porque vocês estão aqui debaixo de chuva como eu -, eu espero voltar aqui outra vez e fazer um grande discurso para vocês explicando o porquê que isso é, este Estaleiro Rio Grande, o Estaleiro Quip, são grandes oportunidades que este país construiu.

Tem uma pessoa a qual [a quem] – ela não está aqui hoje -, mas a qual [a quem], a esta pessoa, nós devemos este estaleiro, é ao ex-presidente Lula.

Eu tive a honra de com ele e a Maria das Graças Foster chegar a uma conclusão muito sábia: este país não podia continuar exportando emprego e oportunidades para o resto do mundo. O que nós pudéssemos fazer no Brasil, nós faríamos no Brasil.

E aqui estão vocês, que demonstram que isso não só é possível, mas que isso aconteceu. Milhões de reais foram colocados aqui. Esses milhões de reais vão servir para nós voltarmos a ter uma indústria naval de alta qualidade, uma indústria naval que nasceu aqui, no Rio Grande do Sul. Aqui, com essas plataformas que nós estamos produzindo, com essa quantidade de FPSO que vai sair desta fábrica, mas também ela está no Nordeste, ela está no Rio de Janeiro. Uma porção de equipamentos que se usa aqui para fazer as plataformas e os módulos, eles vêm de outros estados do Brasil, vêm de Alagoas, vêm de vários outros estados.

Aqui, no Rio Grande do Sul, nós vemos nascer e crescer uma indústria naval. Eu estive aqui quando não tinha nada disso. Nada disso tinha, era areia. Agora, ninguém acredita, mas nós temos, de fato, um dos grandes estaleiros deste Brasil graças a vocês.

E eu agradeço a cada um e a cada uma aqui presente. Um abraço do fundo do meu coração. E eu tenho certeza de que o povo brasileiro, todo ele, tem muito orgulho do que vocês estão fazendo aqui.

Um abraço e viva este estaleiro! Viva o Estaleiro Rio Grande! Viva o Estaleiro Quip! Viva os trabalhadores e as trabalhadoras deste país! Eles provam que, quando querem, eles são capazes de desafiar qualquer obstáculo e fazer o que está sendo feito aqui.

Um abraço do fundo do meu coração.

Ouçã a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-visita-aos-locais-de-construcao-das-plataformas-p-55-e-p-59-rio-grande-rs) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-visita-aos-locais-de-construcao-das-plataformas-p-55-e-p-59-rio-grande-rs>) (04min16s) da Presidenta Dilma.

# 21-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia alusiva à Semana Nacional de Trânsito 2012

Palácio do Planalto, 21 de setembro de 2012

Eu queria iniciar cumprimentando a Cissa Guimarães, e eu estou aqui com a camiseta do Rafael, porque eu quero iniciar homenageando todas as mães, todos os pais, todos os parentes que sofreram perdas como a da Cissa. São perdas irreparáveis. Porque cada uma de nós, que somos mulheres, sabemos que tem uma coisa que é antinatural: é perder um filho.

Mas nós estamos aqui para prestar uma homenagem a todas essas mães, esses pais, as avós, as cunhadas, os amigos, as amigas, enfim, a todos eles que continuam vivendo sem seus entes queridos.

Eu acho que esse pacto é um pacto que mostra e que tem de mostrar a evolução dos valores no Brasil. A adoção de valores, da solidariedade, de valores que tem como base a visão que cada um de nós temos de ter do seu semelhante como uma pessoa integral.

Então, Cissa, você receba em meu nome, no nome do governo, essa noção que nós temos de obrigação de estar fazendo esse pacto. O governo está optando por esse pacto porque nós temos obrigação de fazê-lo.

Queria, também, cumprimentar todos os presentes aqui, do meio artístico e desportivo. O Emerson, o Emerson Fittipaldi que nós aprendemos a torcer por ele. Que praticamente introduziu a Fórmula 1 na casa de cada um de nós, e que fez com que a gente começasse a perceber que o Brasil tinha, também, uma dimensão internacional nessa área, que depois nós vimos também com o Ayrton Senna e tantos outros.

Cumprimentar o Marcelo Tas, que como vocês estão vendo, hoje está do lado de cá. Geralmente ele está do lado de lá. Mas nessa atividade, nesse pacto, nós todos estamos de um só lado.

Também cumprimentar a querida Paula Fernandes por ter vindo, por ter se mostrado tão receptiva a toda essa movimentação.

Cumprimentar também a todos os presentes aqui. Todos os ministros aqui presentes. Os... o que a gente chama, o pessoal mais rico do governo, que são os dos bancos, da Petrobras, da Eletrobras. Todos os presentes que representam aqui o governo. Esse pessoal tem de perceber que nós estamos todos muito mal intencionados.

Queria fazer um cumprimento especial para o deputado Hugo Leal, presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Trânsito Seguro, por toda a iniciativa que, ao longo de todos esses anos, ele teve e sempre brigou por isso.

Queria cumprimentar também o João Caldas, aqui presente.

Queria dirigir um cumprimento especial aos nossos atletas, que faz com que a gente tenha de subir um degrau para poder abraçá-los. E que nos dá tanto orgulho.

Queria cumprimentar os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas aqui presentes.

Bom, o propósito desta cerimônia é reforçar o compromisso do governo com a paz no trânsito. Mas também, é um propósito que tem por objetivo refletir sobre o próprio Brasil. Nós temos visto um país pujante. Nós aumentamos o emprego, nós aumentamos a renda, nós tiramos 40 milhões de pessoas... elevamos à classe média. Nós fazemos um imenso esforço para o país crescer, cada um dos presentes aqui, o governo. Agora, nós sabemos que, com isso, vem a possibilidade do país aumentar o número de veículos, motocicletas, do trânsito ser um trânsito muito mais complexo.

Não seria admissível que o governo, esse governo que busca elevar esse país à condição de um país forte, que reconhece no seu mercado interno uma das maiores riquezas que tem, esse país não ser capaz de trabalhar conjuntamente os importantes valores que são aqueles ligados à evolução, ao progresso, mas, sobretudo, valores éticos e morais que preservem a vida. Porque, caso contrário, era como se nós nos transformássemos numa sociedade que tem como objetivo só bens materiais. Um governo não pode, não deve e não é admissível que não valorize o que há de mais importante na sociedade, que é a vida. Que são as relações afetivas entre uma mãe e um filho, entre um irmão e uma irmã, entre amigos. Não pode e não deve pregar como sendo importante pura e simplesmente obter um ganho, uma renda. Nós temos de apostar que um país como o Brasil tem de ter uma visão solidária da vida, tem de ter uma visão solidária da relação da comunidade. Por isso, cada vez que nós nos tornamos, cada vez mais que nós nos tornamos um país desenvolvido e um país de classe média, e que temos essa quantidade de veículos em circulação, é exigido de nós também a responsabilidade perante a sociedade e cada um dos cidadãos brasileiros e das cidadãs brasileiras, a responsabilidade com a vida em sociedade, com a vida em comunidade e com os valores relativos à civilidade nessas relações.

Por isso, nós lançamos em maio passado o Pacto Nacional pela Redução dos Acidentes de Trânsito, em resposta à proposta da ONU de fazer do período de 2011 a 2020 a Década Mundial de Ação pela Segurança do Trânsito. Mas, sobretudo, o que nós temos como objetivo é construir uma sociedade mais comprometida com todos.

Há pouco, eu escutei uma frase muito bonita para a Cissa: “A sua dor é a nossa dor”. Eu acho que essa frase, eu queria até que você levantasse, você falou a frase, queria dar uma... Essa frase, eu acho que ela sintetiza o espírito desse pacto. Só é possível fazer esse pacto quando a sua dor é a nossa dor. E, por isso, eu tenho certeza que ele tem a ver com a consciência, ele tem a ver com a capacidade de nós divulgarmos isso, tem a ver com a nossa capacidade de ter uma ação solidária entre governo e sociedade. Uma ação solidária, espontânea, voluntária, em que todos nós nos comprometamos – obviamente, o governo de forma diferenciada – a eliminar a violência no trânsito, a criar um padrão de comportamento em que nós achemos que o bom, o bom é respeitar as regras; o ruim é violá-las.

Mas, também, que a gente tente refletir isso na nossa legislação. Que a gente não seja, não seja – eu diria de uma forma meio forte – não seja cúmplice quando nos omitirmos. Não sejamos cúmplices. Não podemos nos omitir. E isso significa, também, que temos de tomar aquelas medidas necessárias para que haja uma correspondência entre essa realidade e a legislação.

Nós sabemos que não tem uma receita pronta e acabada em nenhum lugar do mundo para que a gente elimine a violência e institua, de vez, a segurança. Só há uma receita, é – eu considero muito boa a propaganda, por isso, Emerson, é a consciência. É a persuasão. É formar, de fato, um pacto entre nós todos, no sentido de permitir que o Brasil se transforme não só num grande país de classe média, mas num grande país civilizado de classe média.

Eu queria destacar que nós temos um caminho percorrido até aqui. Eu acho que têm várias... Nós temos várias iniciativas que podemos explorar, mas ainda temos muito a fazer. Tanto as campanhas de conscientização – que demonstram que quando se faz essa campanha e se mobiliza mais, reduz de uma forma muito efetiva o número de mortes ao longo dos feriados e das principais festas do país – mas, também, nós precisamos de, numa relação muito cooperativa com a indústria, procurar elevar os padrões de segurança dos nossos automóveis e, principalmente, as exigências para que muitos jovens não morram em acidentes de trânsito, que vêm sendo uma das principais causas de mortalidade na faixa etária da juventude brasileira. E isso, inclusive, com grande impacto no uso de motocicletas, principalmente no uso de motocicletas.

Nós estamos fazendo a nossa parte também no que se refere a duplicação de rodovias. Aumentar o número de rodovias com duplicação de pista porque isso torna as estradas mais seguras. E, também, o governo federal tem tido uma preocupação em investir em mobilidade nas grandes cidades deste país. Assim é que colocamos de orçamento, não só de financiamento do BNDES e dos demais bancos públicos brasileiros, mas colocamos do orçamento geral da União uma quantidade expressiva de recursos para financiar metrô, porque também a redução do transporte individual e o aumento do transporte público nas grandes cidades reduz, também, a incidência de mortes no trânsito.

Eu queria finalizar dizendo que nós, juntos, governos e cidadãos, porque é muito importante, também, que nesse pacto sejam incluídos os governos estaduais, os governos municipais. Com esse ato, hoje, nós estamos pura e simplesmente, iniciando o caminho, iniciando uma caminhada. Nós não estamos concluindo o processo, pelo contrário, nós estamos abrindo. E queremos mobilizar todos os governadores e todos os prefeitos de capital e de todas as cidades deste país.

Por isso, juntos, governos e cidadãos, nós podemos fazer do trânsito uma oportunidade. A oportunidade de exercitar a nossa solidariedade e a nossa prudência. A nossa cidadania e o nosso respeito a esse bem, que todos nós sabemos que é o mais precioso de todos que é o bem da vida.

Por isso eu agradeço a presença de todos vocês. Mais uma vez eu homenageio aqueles que perderam seus entes mais queridos, e digo que é por conta do respeito a eles, que todos nós devemos nos mobilizar e levar esse pacto a se tornar, cada vez mais, um pacto vivo, um pacto real e um pacto efetivo.

Um abraço a todos aqui presentes e muito obrigada.

▣  
[Ouça a íntegra do discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-a-semana-nacional-de-transito-2012-brasilia-df-16min49s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-alusiva-a-semana-nacional-de-transito-2012-brasilia-df-16min49s)  
(16min49s) da presidenta Dilma

# 25-09-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na abertura da 67ª Assembleia Geral das Nações Unidas

Nova Iorque-EUA, 25 de setembro de 2012

Senhor presidente da Assembleia Geral, Vuk Jeremic,  
Senhor secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon,  
Senhoras e senhores Chefes de Estado e de Governo,  
Senhoras e senhores,

Mais uma vez uma voz feminina inaugura o debate na Assembleia Geral das Nações Unidas. Para muitos, nós, mulheres, somos a metade do céu, mas nós queremos ser a metade da Terra também, com igualdade de direitos e oportunidades, livres de todas as formas de discriminação e violência, capazes de construir a sua emancipação, e com ela contribuir para a plena emancipação de todos.

Senhor Presidente,

Um ano após o discurso que pronunciei nesta mesma tribuna, constato a permanência de muitos dos problemas que nos afligem já em setembro de 2011. Quero hoje voltar a discutir algumas destas questões cuja solução é cada vez mais urgente.

Senhor Presidente,

A grave crise econômica, iniciada em 2008, ganhou novos e inquietantes contornos. A opção por políticas fiscais ortodoxas vem agravando a recessão nas economias desenvolvidas com reflexos nos países emergentes, inclusive o Brasil.

As principais lideranças do mundo desenvolvido ainda não encontraram o caminho que articula ajustes fiscais apropriados e estímulos ao investimento e à demanda indispensáveis para interromper a recessão e garantir o crescimento econômico.

A política monetária não pode ser a única resposta para resolver o crescente desemprego, o aumento da pobreza e o desalento que afeta, no mundo inteiro, as camadas mais vulneráveis da população.

Os Bancos Centrais dos países desenvolvidos persistem em uma política monetária expansionista que desequilibra as taxas de câmbio. Com isso, os países emergentes perdem mercado devido à valorização artificial de suas moedas, o que agrava ainda mais o quadro recessivo global.

Não podemos aceitar que iniciativas legítimas de defesa comercial por parte dos países em desenvolvimento sejam injustamente classificadas como protecionismo. Devemos lembrar que a legítima defesa comercial está amparada pelas normas da Organização Mundial do Comércio. O protecionismo e todas as formas de manipulação do comércio devem ser

combatidos, pois conferem maior competitividade de maneira espúria e fraudulenta.

Não haverá resposta eficaz à crise enquanto não se intensificarem os esforços de coordenação entre os países e os organismos multilaterais como o G-20, o FMI e o Banco Mundial. Esta coordenação deve buscar reconfigurar a relação entre política fiscal e monetária para impedir o aprofundamento da recessão, controlar a guerra cambial e reestimular a demanda global.

Sabemos, por experiência própria, que a dívida soberana dos Estados e a dívida bancária e financeira não serão equacionadas num quadro recessivo, ao contrário, a recessão só agudiza esses problemas. É urgente a construção de um amplo pacto pela retomada coordenada do crescimento econômico global, impedindo a desesperança provocada pelo desemprego e pela falta de oportunidades.

Senhor presidente,

Meu país tem feito a sua parte. Nos últimos anos mantivemos uma política econômica prudente, acumulamos reservas cambiais expressivas, reduzimos fortemente o endividamento público e com políticas sociais inovadoras, retiramos 40 milhões de brasileiros e brasileiras da pobreza, consolidando um amplo mercado de consumo de massa.

Fomos impactados pela crise, como todos os países. Mas, apesar da redução conjuntural de nosso crescimento, estamos mantendo o nível de emprego em patamares extremamente elevados. Continuamos reduzindo a desigualdade social e aumentando significativamente a renda dos trabalhadores. Superamos a visão incorreta que contrapõe, de um lado as medidas de incentivo ao crescimento, e de outro, os planos de austeridade. Esse é um falso dilema. A responsabilidade fiscal é tão necessária quanto são imprescindíveis medidas de estímulo ao crescimento, pois a consolidação fiscal só é sustentável em um contexto de recuperação da atividade econômica.

A história revela que a austeridade, quando exagerada e isolada do crescimento, derrota a si mesma. A opção do Brasil tem sido a de enfrentar, simultaneamente, esses desafios.

Ao mesmo tempo em que observamos um estrito controle das contas públicas, aumentamos nossos investimentos em infraestrutura e educação.

Ao mesmo tempo em que controlamos a inflação, atuamos vigorosamente nas políticas de inclusão social e combate à pobreza. E, ao mesmo tempo em que fazemos reformas estruturais na área financeira e previdenciária, reduzimos a carga tributária, o custo da energia e investimos em infraestrutura, em conhecimento para produzir ciência, tecnologia e inovação.

Há momentos em que não podemos escolher entre uma coisa ou outra. Não há este tipo de alternativa. Há que desenvolvê-las de forma simultânea e articulada.

Assim como em 2011, senhor presidente, o Oriente Médio e o Norte da África continuam a ocupar um lugar central nas atenções da comunidade internacional. Importantes movimentos sociais, com distintos signos políticos varreram regimes despóticos e desencadearam processos de transição cujo sentido e direção ainda não podem ser totalmente estabelecidos.

Mas não é difícil identificar em quase todos esses movimentos um grito de revolta contra a pobreza, o desemprego, a realidade da falta de oportunidades e de liberdades civis, impostas por governos autoritários a amplos setores dessas sociedades, sobretudo às populações mais jovens.

Não é difícil, igualmente, encontrar nesses acontecimentos as marcas de ressentimentos históricos, provocados por décadas de políticas coloniais ou neocoloniais levadas a cabo em

nome de uma ação supostamente civilizatória. Pouco a pouco, foram ficando claros os interesses econômicos que estavam por detrás daquelas políticas.

Hoje, assistimos consternados à evolução da gravíssima situação da Síria. O Brasil condena, nos mais fortes termos, a violência que continua a ceifar vidas nesse país.

A Síria produz um drama humanitário de grandes proporções no seu território e em seus vizinhos. Recai sobre o governo de Damasco a maior parte da responsabilidade pelo ciclo de violência que tem vitimado grande número de civis, sobretudo mulheres, crianças e jovens. Mas sabemos também da responsabilidade das oposições armadas, especialmente daquelas que contam com apoio militar e logístico de fora.

Como presidenta de um país que é pátria de milhões de descendentes de sírios, lanço um apelo às partes em conflito para que deponham as armas e juntem-se aos esforços de mediação do representante especial da ONU e da Liga Árabe. Não há solução militar para a crise síria. A diplomacia e o diálogo são não só a melhor, mas, creio, a única opção.

Ainda como presidenta de um país no qual vivem milhares e milhares de brasileiros de confissão islâmica, registro neste plenário nosso mais veemente repúdio à escalada de preconceito islamofóbico em países ocidentais. O Brasil é um dos protagonistas da iniciativa generosa “Aliança de Civilizações”, convocada originalmente pelo governo turco.

Com a mesma veemência, senhor Presidente, repudiamos também os atos de terrorismo que vitimaram diplomatas americanos na Líbia.

Senhor Presidente,

Ainda com os olhos postos no Oriente Médio, onde residem alguns dos mais importantes desafios à paz e à segurança internacional, quero deter-me mais uma vez na questão israelo– palestina.

Reitero minha fala de 2011, quando expressei o apoio do governo brasileiro ao reconhecimento do Estado Palestino como membro pleno das Nações Unidas. Acrescentei, e repito agora, que apenas uma Palestina livre e soberana poderá atender aos legítimos anseios de Israel por paz com seus vizinhos, segurança em suas fronteiras e estabilidade política regional.

Senhor presidente,

A comunidade internacional tem dificuldade crescente para lidar com o acirramento dos conflitos regionais. E isto fica visível nos impasses do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Esse é um dos mais graves problemas que enfrentamos. A crise iniciada em 2008 mostrou que é necessário reformar os mecanismos da governança econômica mundial. Na verdade, isto até hoje não foi integralmente implementado.

As guerras e os conflitos regionais, cada vez mais intensos, as trágicas perdas de vidas humanas e os imensos prejuízos materiais para os povos envolvidos demonstram a imperiosa urgência da reforma institucional da ONU e em especial de seu Conselho de Segurança.

Não podemos permitir que este Conselho seja substituído – como vem ocorrendo – por coalizões que se formam à sua revelia, fora de seu controle e à margem do direito internacional. O uso da força sem autorização do Conselho, uma clara ilegalidade, vem ganhando ares de opção aceitável. Mas, senhor Presidente, definitivamente, não é uma opção aceitável. O recurso fácil a esse tipo de ação é produto desse impasse que imobiliza o Conselho. Por isso, ele precisa urgentemente ser reformado.

O Brasil sempre lutará para que prevaleçam as decisões emanadas da ONU. Mas queremos ações legítimas, fundadas na legalidade internacional. Com esse espírito, senhor presidente, defendi a necessidade da “responsabilidade ao proteger” como complemento necessário da “responsabilidade de proteger”.

Senhoras e senhores,

O multilateralismo está hoje mais forte depois da Rio+20.

Naqueles dias de junho, realizamos juntos a maior e mais participativa conferência da história das Nações Unidas, no que se refere ao meio ambiente, e pudemos dar passos firmes rumo à consolidação histórica de um novo paradigma: crescer, incluir, proteger e preservar, ou seja, a síntese do desenvolvimento sustentável.

Agradeço especialmente o empenho do secretário-geral Ban Ki-moon e do embaixador Sha Zukang, que tanto colaboraram com o Brasil, antes e durante a Conferência.

O documento final que aprovamos por consenso no Rio de Janeiro não só preserva o legado de 1992, como constitui ponto de partida para uma agenda de desenvolvimento sustentável para o século XXI, com foco na erradicação da pobreza, no uso consciente dos recursos naturais e nos padrões sustentáveis de produção e consumo.

As Nações Unidas tem pela frente uma série de tarefas delegadas pela Conferência do Rio, somos parceiros. Menciono aqui, em particular, a definição dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A Rio+20 projetou um poderoso fecho de luz sobre o futuro que queremos. Temos de levá-lo avante. Temos a obrigação de ouvir os repetidos alertas da ciência e da sociedade, no que se refere à mudança do clima. Temos de encarar a mudança do clima como um dos principais desafios às gerações presentes e futuras.

O governo brasileiro está firmemente comprometido com as metas de controle das emissões de gás de efeito estufa e com o combate, sem tréguas, ao desmatamento da Floresta Amazônica.

Em 2009, voluntariamente, adotamos compromissos e os transformamos em legislação. Essas metas são particularmente ambiciosas para um país em desenvolvimento, um país que lida com urgências de todos os tipos para oferecer bem-estar à sua população.

Esperamos que os países historicamente mais responsáveis pela mudança do clima, e mais dotados de meios para enfrentá-la, cumpram também com suas obrigações perante a comunidade internacional. Outra iniciativa das Nações Unidas que o Brasil também considera importante, que saudamos, é o lançamento da Década de Ação pela Segurança no Trânsito – 2011/2020. O Brasil está mobilizado nas ações de proteção à vida, que assegurem a redução dos acidentes de trânsito, uma das principais causas de morte entre a população jovem do mundo. Para isso, nosso governo está desenvolvendo uma ampla campanha de conscientização em parceria com a Federação Internacional de Automobilismo.

Senhor Presidente,

Em um cenário de desafios ambientais, crises econômicas e ameaças à paz em diferentes pontos do mundo, o Brasil continua empenhado em trabalhar com seus vizinhos por um ambiente de democracia, um ambiente de paz, de prosperidade e de justiça social.

Avançamos muito na integração do espaço latino-americano e caribenho como prioridade para nossa inserção internacional. Nossa região é um bom exemplo para o mundo. O Estado de Direito que conquistamos com a superação dos regimes autoritários que marcaram o

nosso continente está sendo preservado e está sendo fortalecido.

Para nós, a democracia não é um patrimônio imune a assaltos, temos sido firmes, - Mercosul e Unasul - quando necessário, para evitar retrocessos porque consideramos integração e democracia princípios inseparáveis.

Reafirmo também o nosso compromisso de manter a região livre de armas de destruição em massa. E nesse ponto, quero lembrar a existência de imensos arsenais que, além de ameaçar toda a humanidade, agravam tensões e prejudicam os esforços de paz.

O mundo pede, em lugar de armas, alimentos, para o bilhão de homens, mulheres e crianças que padecem do mais cruel castigo que se abate sobre a humanidade: a fome.

Por fim, senhor Presidente, quero referir-me a um país-irmão, querido de todos os latino-americanos e caribenhos: Cuba. Cuba tem avançado na atualização de seu modelo econômico. E para seguir em frente nesse caminho, precisa do apoio de parceiros próximos e distantes. Precisa do apoio de todos. A cooperação para o progresso de Cuba é, no entanto, prejudicada pelo embargo econômico que há décadas golpeia sua população. É mais do que chegada a hora de pôr fim a esse anacronismo, condenado pela imensa maioria dos países das Nações Unidas.

Senhor presidente,

Este ano, assistimos todos aos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, organizados brilhantemente pelo Reino Unido. Com o encerramento dos Jogos de Londres, já começou, para o Brasil, a contagem regressiva para as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, que serão precedidas pela Copa do Mundo de 2014.

A cada dois anos, durante os Jogos de verão e de inverno, a humanidade parece despertar para valores que nos deveriam inspirar permanentemente: a tolerância, o respeito pelas diferenças, a igualdade, a inclusão, a amizade e o entendimento, princípios que são também os alicerces dos direitos humanos e desta Organização.

Ao inaugurar esta sexagésima sétima Assembleia Geral, proponho a todas as nações aqui representadas que se deixem iluminar pelos ideais da chama olímpica.

Senhoras e senhores,

O fortalecimento das Nações Unidas é extremamente necessário neste estágio em que estamos, onde a multipolaridade abre uma nova perspectiva histórica. É preciso trabalhar para que assim seja. Trabalhar para que, na multipolaridade que venha a prevalecer, a cooperação predomine sobre o confronto, o diálogo se imponha à ameaça, a solução negociada chegue sempre antes e evite a intervenção pela força.

Reitero que nesse esforço, necessariamente coletivo, e que pressupõe busca de consensos, cabe às Nações Unidas papel privilegiado. Sobretudo, à medida que a Organização e suas diferentes instâncias se tornem mais representativas, mais legítimas e, portanto, mais eficazes.

Muito obrigada

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-67a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua-23min50s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-abertura-da-67a-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-nova-iorque-eua-23min50s) (23min50s) da Presidenta Dilma.



# **28-09-2012 - Declaração à imprensa concedida pela Presidenta da República, Dilma Rousseff, após encontro com o Primeiro-Ministro do Reino Unido, David Cameron**

**Palácio do Planalto, 28 de setembro de 2012**

Excelentíssimo senhor primeiro-ministro do Reino Unido, David Cameron,  
Senhoras e senhores integrantes das delegações do Reino Unido e do Brasil,  
Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Com grande satisfação, nós recebemos hoje o primeiro-ministro David Cameron em sua primeira visita ao Brasil. A presença do chefe de Governo britânico entre nós, acompanhado de expressiva delegação empresarial e acadêmica, reflete a disposição comum que temos, de estreitarmos as nossas relações e a nossa cooperação bilateral.

Durante a reunião de trabalho que mantivemos, revisamos vários aspectos da nossa parceria estratégica. A despeito da crise econômica e financeira internacional, os fluxos de comércio e investimento entre o Brasil e o Reino Unido têm registrado contínuo crescimento. Nós consideramos que eles podem aumentar ainda mais. Mas, só para se ter uma ideia, nosso comércio passou de 7,8 bilhões, em 2010, para 8,6 bilhões em 2011. E o investimento direto, entre o Brasil e o Reino Unido e entre o Reino Unido e o Brasil, também tem crescido, sendo que a maior parte vem do Reino Unido para o Brasil.

O primeiro-ministro e eu identificamos áreas de especial interesse para novas parcerias, como as indústrias criativas, como a infraestrutura, a área de petróleo e gás, a área da defesa, a área de serviços financeiros, de logística e mineração. É positivo que os investidores britânicos estejam buscando novas oportunidades na economia brasileira, em um momento em que realizamos um grande esforço de modernização da nossa infraestrutura, com a implementação do plano de investimento, tanto na área de rodovias, como ferrovias e, na sequência, portos e aeroportos.

Tema central da parceria entre o Reino Unido e o Brasil é o da ciência, da tecnologia e da inovação, aspecto essencial para a melhoria dos níveis de competitividade da economia brasileira e, certamente, da economia inglesa. Concordamos em expandir essa cooperação em setores como biotecnologia, biofármacos, nanotecnologia, tecnologia da informação, comunicação, tecnologias limpas, tecnologias da defesa.

Vamos avançar na área de divulgação e educação para a Ciência, mediante a instalação, no Brasil, de um museu da Ciência, nos moldes do Museu de [da] Ciência de Londres.

Com o desenvolvimento socioeconômico e tecnológico, nós temos certeza de que teremos um campo muito importante de cooperação, e isso está relacionado com uma política de efetiva capacitação profissional e de conhecimento. E por isso, eu agradeço o primeiro-

ministro Cameron pela disposição do governo britânico em acolher, até 2014, 10 mil bolsistas brasileiros nos níveis de graduação e de pós-graduação.

Nós reiteramos o nosso compromisso de intensificar a cooperação na área energética. E isso significa que queremos explorar todas as oportunidades de desenvolvimento conjunto - seja na área de petróleo e gás, seja na área de energias renováveis -, sabendo que há uma grande complementaridade entre os dois países, principalmente com o Brasil, aproveitando também o conhecimento do Reino Unido na área de energia eólica.

Eu cumprimentei o primeiro-ministro pelo êxito na realização das Olimpíadas e das Paraolimpíadas, brilhantemente organizadas pelo Reino Unido. Com o encerramento dos Jogos de Londres, a tocha olímpica começa a fazer a sua transição para o Brasil, e nós começamos a nossa contagem regressiva.

É de grande interesse do Brasil a cooperação bilateral no tocante à organização dos grandes eventos esportivos que nós teremos pela frente, como a Copa do Mundo e a Olimpíada de [20]16.

Ouvi do primeiro-ministro Cameron avaliação sobre os últimos desdobramentos da situação da Europa e sobre as perspectivas da União Europeia no combate à crise.

Apresentei a visão do Brasil sobre a crise econômica mundial, sobretudo em sua fase atual. Mais uma vez reiterarei a importância de ampliar os esforços no sentido de melhorar as condições de recuperação da economia internacional, tanto no que se refere aos países desenvolvidos como no que se refere, também, aos países emergentes.

Expus ao primeiro-ministro que o Brasil tem feito a sua parte, no que se refere à recuperação mundial, quando desenvolve incentivos ao crescimento do emprego e à demanda doméstica. E fiz ver ao primeiro-ministro que, em plena crise, temos aumentado as nossas importações.

Consideramos também um êxito a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, para o fortalecimento não só da proteção do meio ambiente como para a definição de um marco de relações multilaterais. Sabemos que a Rio+20 foi um ponto muito importante, um ponto de partida para a consolidação de um novo paradigma de desenvolvimento sustentável que seja capaz de articular as dimensões econômica, social e ambiental. Na nossa frase-síntese trata-se de crescer, incluir, preservar e proteger.

Cumprimentei o primeiro-ministro por ser, o primeiro-ministro Cameron, um dos co-presidentes do Painel de Alto Nível para a Agenda do Desenvolvimento pós-2015, criado pelo secretário-geral da ONU, que contará com a participação, pelo Brasil, da ministra Izabella Teixeira, e que tem por objetivo, justamente, pensar esse futuro do qual a Rio+20 é ponto de partida.

Do ponto de vista do Brasil, o multilateralismo também deve guiá-lo, e deve nos guiar a todos, na busca de solução para os conflitos do Oriente Médio. Notadamente, o processo de paz entre Israel e Palestina só será viável com maior participação da comunidade internacional. E nós consideramos que postergar a resolução desse conflito só serve para favorecer os interesses extremistas que existem em todos os lados.

Reiterei ao primeiro-ministro a convicção do Brasil de que não há solução militar para a crise síria. Um processo político liderado pelos próprios sírios é o melhor caminho para a superação do conflito. Por isso é fundamental apoiar as iniciativas do novo representante especial conjunto da ONU e da Liga Árabe, Lakhdar Brahimi.

Também me preocupa, de uma forma muito especial, a crescente retórica em prol de uma ação militar unilateral no Irã. Qualquer iniciativa desse tipo constituiria uma violação da Carta

da ONU, com graves consequências para o Oriente Médio. O Brasil reconhece – e eu reiterei isso para o primeiro-ministro, e nós concordamos – na ONU, o principal centro de governança global, e valorizamos o multilateralismo, a solidariedade e o direito internacional. Consideramos que só uma ONU reformada pode garantir a prevalência de uma ordem baseada em regras. Neste contexto, eu reiterei meus agradecimentos ao apoio que o governo britânico tem dado ao Brasil para que ocupe um assento permanente na ONU.

Sobretudo, nós tivemos uma excelente reunião. Eu saí dessa reunião certa de que o Reino Unido e o Brasil têm um longo horizonte de cooperação, têm uma longa trajetória de construção, de relacionamentos comerciais, de parcerias tecnológicas, de construção de projetos comuns na área da defesa, na área da energia, enfim, em todas as áreas que nós considerarmos importantes para a construção dessa parceria estratégica.

Mais uma vez, eu agradeço ao primeiro-ministro a sua visita ao Brasil, considero uma visita extremamente bem-sucedida. Agradeço também à toda a comitiva do primeiro-ministro, aos empresários que o acompanharam. E tenho certeza que ele conheceu, de uma forma muito circunstanciada, uma parte do Brasil, porque ele esteve em São Paulo, no Rio e, agora, em Brasília. É de fato um grande prazer tê-lo recebido aqui, primeiro-ministro David Cameron. E agradeço também a ótima recepção que o senhor me deu, quando visitei Londres, por ocasião das Olimpíadas.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra da [declaração \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-com-o-primeiro-ministro-do-reino-unido-david-cameron-brasilia-df-12min20s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-da-declaracao-a-imprensa-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-apos-encontro-com-o-primeiro-ministro-do-reino-unido-david-cameron-brasilia-df-12min20s) (12min19s) da Presidenta Dilma.